

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 8 – A responsabilidade é pessoal
Ezequiel 11 a 20

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

No último encontro, apresentamos um panorama sobre o livro de Ezequiel, objeto dos nossos estudos atuais. Por questão de tempo, fizemos um passeio sobre alguns temas e mencionamos as visões que Ezequiel teve e que relatou aos ouvintes atentos. Essas visões foram denominadas pelo profeta de “**visões de Deus**”. Vamos voltar a este tema hoje, porque este é um dos tópicos mais importantes da profecia de Ezequiel.

As três denominadas “visões de Deus” precisam ser consideradas em conjunto, porque estão relacionadas entre si por elementos de forma e de conteúdo. Podem ser encontradas nos capítulos de 1 a 3, de 8 a 11 e de 40 a 48. Representam os três momentos principais da obra e servem de estrutura para todo o livro.

A **primeira visão** encontra-se nos capítulos de 1 a 3. É a introdução, onde acontece o relato da vocação de Ezequiel, quando é chamado para profetizar ao povo que se encontra no exílio. Nela temos o aparecimento de um carro resplandecente e assombroso que se move. Neste carro, encontram-se quatro seres vivos, que nos recordam os káribus, seres com cabeça humana, corpo de leão, patas de touro e asas de águia, que estavam a serviço da divindade e que guardavam as entradas dos palácios na região da Mesopotâmia.

O carro chega acompanhado de um estrondo e de fenômenos que nos recordam as tradições do deserto, como narradas em Êxodo 19,16-20; Deuteronômio 4, 10-12 e 5,2-5. Representam a presença e a manifestação de Javé no meio do seu povo. A visão do carro (1,4-28) é articulada, depois, com a visão do livro que o profeta deve comer (2,1-3,11). O relato é típico de vocação profética e comum em diferentes literaturas da época. Podemos dizer que tanto a aparição dos seres vivos como a dos carros **podia ser compreendida pelos exilados, porque os símbolos lhes eram familiares**. A visão que introduz o livro mostra o Deus de Israel **acima** das demais representações que cercavam o povo no exílio.

A **segunda visão** pode ser lida nos capítulos de 8 a 11. Ezequiel retoma a imagem do carro resplandecente, que representa a “glória-presença” de Javé. O contexto é de juízo e de condenação, porque a “glória-presença” de Javé **abandona o Templo e também a cidade de Jerusalém**, conforme descrito nos capítulos 10, 18-22 e 11, 22-24. Esse abandono é sinal de castigo em função dos pecados cometidos e descritos nos capítulos 8, 9 e 11. É importante recordar que a teologia tradicional atribuía a Jerusalém e ao Templo a morada ou santuário de Javé. Ambos eram protegidos por Deus, cuja presença era acompanhada pelos querubins. Esses querubins eram bem

conhecidos do povo, como pode ser lido em Êxodo 25,18 e seguintes. Representavam a presença de Javé no meio do seu povo.

A **terceira visão**, relatada nos capítulos de 40 a 48, representa cenário diferente e enfatiza a **restauração do povo de Israel, acompanhada da renovação do culto**, onde a presença de Deus se faz notar e representa sinal de vida e de bênção. Esta terceira visão será analisada com detalhes no estudo número 11.

Apresentadas as visões, aproximamo-nos do contido nos capítulos de 11 a 20, que hoje estudamos. São capítulos que se seguem à segunda visão e tratam, portanto, de palavras de juízo e de condenação. Razões não faltavam para Deus se manifestar daquela forma e muitas delas vimos nos estudos em Jeremias, relativos que foram ao mesmo período histórico.

O juízo é apresentado, em primeiro lugar, contra a liderança do povo: "O SENHOR me disse: "Filho do homem, estes são os homens que estão tramando o mal e dando maus conselhos nesta cidade". Eles dizem: 'Não está chegando o tempo de construir casas? Esta cidade é uma panela, e nós somos a carne dentro dela.'"Portanto, profetize contra eles; profetize, filho do homem".Ezequiel 11, 2-4. Para essa liderança irresponsável, o juízo foi claro: 11-"Esta cidade não será uma panela para vocês, nem vocês serão carne dentro dela; eu os julgarei nas fronteiras de Israel." E vocês saberão que eu sou o SENHOR, pois vocês não agiram segundo os meus decretos nem obedeceram às minhas leis, mas se conformaram aos padrões das

nações ao seu redor". (Ez. 11, 11 e 12).

Interessante observarmos que, tão logo proferidas as palavras de juízo, são-nos apresentadas **outras palavras, estas de esperança**, registradas nos capítulos 14 e 15. O povo poderia estar ciente de que a dor e a devastação poderia ser explicada e compreendida, se a intenção fosse compreender para consertar. Acompanhe a leitura do seguinte trecho: "Pois assim diz o Soberano, o SENHOR: Quanto pior será quando eu enviar contra Jerusalém os meus quatro terríveis juízos: a espada, a fome, os animais selvagens e a peste, para com eles exterminar os seus homens e os seus animais! "Contudo, haverá alguns sobreviventes; filhos e filhas que serão retirados dela. Eles virão a vocês e, quando vocês virem a conduta e as ações deles, vocês se sentirão consolados com relação à desgraça que eu trouxe sobre Jerusalém. Vocês se sentirão consolados quando virem a conduta e as ações deles, pois saberão que não agi sem motivo em tudo quanto fiz ali. Palavra do Soberano, o SENHOR". (Ez 14, 21-23).

Outro destaque que deve ser feito neste momento diz respeito ao capítulo 17, que nos apresenta uma parábola que narra a relação entre duas águas e a videira. A parábola começa descrevendo o que se passa: -"Filho do homem, apresente uma alegoria e conte uma parábola à nação de Israel. Diga a eles: Assim diz o Soberano, o SENHOR: Uma grande águia, com asas poderosas, penas longas e basta plumagem de cores variadas veio ao Líbano. Apoderando-se do alto de um cedro, arrancou o seu broto mais alto e o levou para uma terra

de comerciantes, onde o plantou numa cidade de mercadores.” A narrativa continua e o simbolismo é explicado, a partir do versículo 11, onde lemos: “Veio depois a mim esta palavra do SENHOR: “Diga a essa nação rebelde: Você não sabe o que essas coisas significam? Diga a eles: O rei da Babilônia foi a Jerusalém, tirou de lá o seu rei e os seus nobres, e os levou consigo de volta à Babilônia.” A narrativa prossegue até o final do capítulo, onde Deus deixa bem claro **que seja qual for o lugar onde o rebelde se esconda, ali será encontrado** porque “Todas as árvores do campo saberão que eu, o SENHOR, faço cair a árvore alta e faço crescer bem alto a árvore baixa. Eu resseco a árvore verde e faço florescer a árvore seca. “Eu, o SENHOR, falei, e o farei”. Ez. 17, 24.

Nosso estudo prossegue e nos aproximamos do tema teológico introduzido por Ezequiel e que tem nos acompanhado desde então. Acompanhe a leitura dos primeiros versículos do capítulo 18: “Esta palavra do SENHOR veio a mim: “O que vocês querem dizer quando citam este provérbio sobre Israel: “Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotam”? “Juro pela minha vida, palavra do Soberano, o SENHOR, que vocês não citarão mais esse provérbio em Israel. Pois todos me pertencem. Tanto o pai como o filho me pertencem. Aquele que pecar é que morrerá.”

Era chegado o momento do povo de Deus amadurecer, tornar-se adulto. Era comum entre eles o cultivo da memória e a transmissão dos feitos de Deus de geração para geração. Além disso, decoravam grandes

porções da Palavra de Deus preservada oralmente e o faziam com tanta capacidade que fica difícil de acreditar, se levamos em consideração os padrões de hoje. Mas, de nada adiantaria toda aquela tradição, se não assumissem a culpa dos seus próprios atos. Ouviram os profetas, não fizeram nada. Foram admoestados com relação ao que aconteceria com a nação, nem se importaram. Foi-lhes dito por mais de um profeta que o povo se distanciara de Deus, mas eles ignoraram os avisos. Agora, Deus lhes revela mais um segredo. Desejava deixar bem claro que era chegado o momento de assumir a responsabilidade pela condução das próprias vidas porque “aquele que pecar é que morrerá.”

Tantos anos se passaram e ainda não aprendemos a lição. Como ouvimos desculpas para nossas imperfeições! Somos assim porque isto aconteceu, porque aquilo não surgiu, porque fulano e por aí vamos. A igreja não cresce por esta razão ou por aquela. A família não se consagra a Deus porque o pai era assim ou a mãe deixou de fazer aquilo. Desculpas, muitas desculpas.

O alerta não é por pequena razão. Deus tem um propósito e, como sempre, é para o nosso bem. Nos últimos versículos, surge a amorosa palavra de Deus que apela: “Portanto, ó nação de Israel, eu os julgarei, a cada um de acordo com os seus caminhos. Palavra do Soberano, o SENHOR. Arrependam-se! Desviem-se de todos os seus males, para que o pecado não cause a queda de vocês. Livrem-se de todos os males que vocês cometeram, e busquem um coração novo e um espírito

novo. Por que deveriam morrer, ó nação de Israel? Pois não me agrada a morte de ninguém. Palavra do Soberano, o SENHOR. Arrependam-se e vivam!”

Qual a resposta que daremos diante de tão amoroso apelo? Escolher é responsabilidade nossa. Decidamo-nos agora mesmo: “Arrependam-se! Desviem-se de todos os seus males, para que o pecado não cause a queda de vocês. Livrem-se de todos os males que vocês cometeram, e busquem um coração novo e um espírito novo. Por que deveriam morrer, ó nação de Israel?” Amém.

Apoio bibliográfico:

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova

SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.

SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.

ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo testamento. São Paulo: Loyola.